

vieira
da
silva



marginal

Prefácio

Nós, os que voámos

...pero nosotros volámos!

José Luis Posada, pintor cubano

Éramos jovens e pensávamos. Lembro-me: a cidade ainda não existia, Ílhavo era apenas Ílhavo, heróico poema das canções do Professor Guilhermino, vila maruja dada a devaneios de aquém e de além mar, traduzidos em histórias que o tempo transformou em lendas. Lembro-me dos doidos e dos outros, dos temores e das dúvidas, dos silêncios, dos beijos tímidos. Lembro-me também que por vezes era de noite e levavam-nos os amigos ou a família, para a guerra ou para a prisão. Havia medo, apesar da inocência que exibíamos nesses tempos. Mas havia também outra gente e outra ainda, muita gente. E foi assim que se chegou ao tempo da revolução, o tempo da revelação.

Há que dizer, antes de prosseguir, que, por circunstâncias da época que me foi dado viver, sou duma raça que teve o privilégio de voar. Queríamos o mundo e tivemos o mundo. Queríamos o sonho e fizemos o sonho. À semelhança de Che Guevara,

fomos realistas: exigimos o impossível. A liberdade e o resto, tudo. Uma vez fomos felizes, outras vezes sofremos as dores inevitáveis do crescimento, encantámos e desencantámos muitos feitiços, amámos e sofremos. Mas voámos, lembro-me bem. E não foi imaginação nem foi por engano, sabemos-lo agora: nós queríamos mesmo voar.

As evocações de tempos idos têm destas coisas e obrigam-nos a falar assim destas verdades, para que o discurso não tenda a parecer-se com os panegíricos do Cinco de Outubro que os velhos republicanos, coitados, produziam com toda a dedicação – e só não falo nos sobreviventes do Primeiro de Dezembro porque nunca ouvi nenhum. Espero conseguir fugir ao tom, mas em todo o caso tentarei passar rapidamente ao tema. E esse é a poesia de Vieira da Silva, o António que me cabe prefaciá-la, mesmo sabendo que, como escreveu (num prefácio) o Sérgio Godinho, muitos prefácios “esparramaram antes do tempo o mistério-mesmo que eu me propunha descobrir”.

Na circunstância, o mistério é não haver mistério algum. Isto é: este livro só peca por tardio, tanto que se arrisca a já ser conhecido de cór por muitos dos que o vão ler. É que, não nos esqueçamos, o Vieira da Silva é um poeta que se fez divulgar pela música – e eu sou desse tempo em que as pessoas voavam, estão a ver? Foi pelas canções que nos aproximámos da poesia e dos livros dos poetas: Manuel Alegre por Adriano; Sidónio Muralha e Gedeão por Manuel Freire; Eugénio de Andrade, O'Neill e Mário - Henrique por Fausto; Guerra Junqueiro e Papiniano Carlos por Luís Cília; Zeca, Vinícius e Ferré por eles

mesmos. E o Sérgio, e o Zé Mário. E os outros, tantos, que rapidamente fomos descobrindo.

Desenganam-se, no entanto, os que estão à espera de um *livro de cantigas*. Claro que elas, as cantigas (ou os seus poemas), também aqui se encontram, parte integrante e superiormente digna do percurso do seu autor. Mas essencialmente este é um livro – um belo livro – de poesia. E era disso, da Poesia ou do Autor, que, supostamente, deveria falar agora. Na verdade, nenhuma destas é tarefa fácil. Discorrer sobre a poesia quando a poesia é, como neste caso, tão clara, tão profundamente simples, iluminada? Sobre o homem que a escreveu, companheiro antigo de lutas e de projectos? Ou deverei antes trautear umas modas estilísticas ao jeito dos jornalistas culturais da moda? De todas as hipóteses, confesso, não escolho nenhuma. Os versos do Vieira da Silva e as vidas do Toni são apenas diferentes perspectivas da história de um menino que foi jovem e não desistiu de ser gavião, aprendeu que cantar claro é que é difícil, quis mais para o seu povo triste e rebelou-se contra o desespero fatalista a que o queriam condenar. Os barcos são estes. Partamos.

António Manuel Vieira da Silva é o nome de baptismo do cidadão agora presente a julgamento em forma de brochura. Nasceu em Ílhavo, mas eu também, e isso não explica tudo. E sobretudo não explica a opção de vida que o moço fez nos tempos de estudante e cantigueiro regular: o antifascismo não era propriamente uma coisa com fundas tradições no burgo de origem, ainda que entre os nossos conterrâneos mais ilustres figurem alguns homens dignos que desafiaram o medo e enfrentaram

a ditadura – Mário Sacramento, que morreu jovem, é o mais conhecido, mas houve (e há) alguns outros, quase todos ignorados. Ou talvez deliberadamente esquecidos, como o coronel Sacramento Marques, nome da primeira linha da Revolução de Abril, também ele desaparecido antes do tempo, que a sua terra teima em fingir que não existiu. Deve ser da vizinhança: José Afonso nasceu em Aveiro mas, ali, parece que também poucos se deram conta disso...

Desde muito antes dos anos da brasa que encontramos o Vieira da Silva como jogral da nova consciência colectiva. Nos históricos *convívios* organizados pela revista “Mundo da Canção” (de que mais tarde foi director), em pequenos espectáculos de colectividade ou nas primeiras luzes de esperança que surgiram na televisão e na rádio – ele esteve presente. Nas sessões de baladas mais subversivas ou menos legais – ele aparecia. Quando as universidades começaram a agitar-se, em Coimbra, no Porto ou em Lisboa, e era preciso quem desse voz às causas – podiam contar com ele. E, em Abril, ele lá está, com os outros, no amplo movimento popular que a queda do regime gerou. Foi sobretudo nessa época que os nossos caminhos mais se cruzaram. Nos projectos, nas lutas, nas escritas. Foi nessa época que voámos.

Arrefecida a euforia revolucionária e reconduzido o sonho ao redil que a vida real engendra, Vieira da Silva, como aconteceu com muitos outros, passou para segundo plano nos projectos editoriais das discográficas, agora mais preocupadas em gerir catálogos de *soft music* do que em cantigas para *agitar a malta*. Passou e deixou-se passar, como fizeram Manuel Freire ou Francisco Fanhais, para quem a música e as cantigas eram um

modo de estar na vida e não uma forma de a disputar. Entre a competição e o prazer, escolheu o essencial. O cantor cedeu lugar ao médico, mas o poeta manteve-se. E, de quando em quando, ia dando notícias. Em poeminhas dispersos, publicados aqui e ali, mais ou menos divulgados, até que uns malucos se lembraram de chapar com aquilo tudo na internet. O sítio chama-se O Silêncio dos Poetas, discreta homenagem a Alberto Pimenta e a outros versejadores dignos. Como Vieira da Silva.

Poesia necessária como o pão de cada dia, assim a proclamou Gabriel Celaya. Poesia para comer, disse Natália Correia. Poesia como arma, nua e crua. Poesia de rigor, sem truques nem batota. É assim esta lírica que honrosamente hoje vos apresento. O jeito assumidamente popular de alguns textos, o tom culto e prudente de outros, conjugados com a sabedoria de uma mão treinada e de um espírito lúcido, conferem a este poemário uma identidade não facilmente catalogável à luz das tendências dominantes. Não vale a pena buscar-lhe as referências, que esta é uma poesia que se estende pela rota das lutas, dos afectos, das ideias, tornando-se universal sem nunca perder o sabor a mar – nasceste em Ílhavo, meu caro António, terás de carregar para sempre o rasto do moliço e do sal. Há sinas piores.

Habitado a provocar reacções em palco, o poeta investe nos seus textos, com a força das ideias simples. E as palavras, sempre: “hoje / não ouvi o que disseste / estive / preocupado / em ouvir o que não disseste.” Ou então: “nunca vi tanta mentira / disfarçada de verdade / todos dizem que sou livre / viva viva a liberdade.” Ou ainda: “dói-me / este protesto só palavras / lançado para a rua deste dia /

este berro / que vou dando / enlouquecido / meu grito / mais alívio que revolta / este meu gesto / mais esboço do que vida”. Porque “não podemos esperar / as madrugadas / prometidas / em discursos de euforia / que esta noite já vai longa / e as palavras / não acendem a fogueira de outro dia”.

Propositadamente, Vieira da Silva faz conjugar na mesma fiada um grande conhecimento do mundo com uma aparente ingenuidade, muito próxima daquilo a que José Afonso chamava a *pureza original*: o entusiasmo juvenil de *A Sudoeste* contrasta com a poesia vivida e sofrida de *Canção da Mágoa*, mas o rumo é igual. Os sonhos amadureceram, por vezes desencantaram-se, mas continuam lá. Tão reais como no tempo em que voávamos. O poeta não desiste, insiste. Persiste, e faz muito bem.

Este livro mistura textos escritos em épocas diferentes o que acentua, em vez de sacrificar, a unidade do conjunto: a poesia, quando é verdadeira, sobrevive a todas as épocas. Uma referência ainda para esta edição: ao que sei, ela deve-se também, em boa parte, à persistência do João Balseiro e do Geraldo Alves. Os amigos, uma vez mais, e sempre. Vidas e cantigas e poemas, como deve ser. Bem hajam por serem teimosos e não desistirem, mesmo quando os ventos não estão de feição – e lá estou eu outra vez a marejar a linguagem. O Vieira da Silva merecia este livro há muitos anos. Fazê-lo, agora, é apenas uma questão de justiça elementar. E já não é pouco. Agora, só podemos ficar à espera de mais.

Éramos jovens, dizia, e pensávamos. Ílhavo não era cidade, era outro lugar: nem melhor nem pior,

apenas outro. No Verão apanhávamos camarinhas e íamos, de bicicleta ou de dedo esticado, para a Costa Nova. Depois apanhávamos a barca para A Bruxa, onde havia uma jeropiga que parecia ser a melhor coisa do mundo e havia os mundos que nós inventávamos. No Inverno ficávamos pelos cafés do costume, com uma ou outra escapadela pelo meio. Se não fosse o clima aceso da época dir-se-ia que não se passava nada – e no entanto, passava-se tudo: apaixonávamo-nos, descobríamos os mundos do mundo, ouvíamos a música dos silêncios, cavalgávamos o Sete Estrelo.

Agora, Ílhavo mudou, como o País. Novas ruas, vistas renovadas, prédios que foram abaixo e levaram com eles a memória das pedras. Nós, todos, também mudámos. Para melhor ou para pior, para mais longe ou para mais perto, partimos. Mesmo os que ficámos. E, sobretudo, vivemos. E de termos vivido o que vivemos nunca me arrependi, e tenho a certeza que o Vieira da Silva também não. Porque, se calhar, o que distingue os poetas das pessoas normais é mesmo *só* isso: ser capaz de descobrir, sempre, um mundo novo à sua volta, onde quer que seja; elevar as palavras à condição de diamantes, sem se deixar ofuscar pelo seu brilho; saber que os poemas só valem a pena quando têm gente lá dentro, com ossos, nervos, veias, emoções. Porque o sonho, esse, vale sempre a pena. Nós sabemos, porque voámos.

*Lisboa, 29 de Dezembro de
2001*

Viriato Teles

anti-dedicatória

Não vou dedicar este livro a nenhuma pessoa em especial porque só o faria se fosse eu o único e verdadeiro autor dos poemas e cantigas que, graças à teimosia inabalável do meu amigo João Balseiro, me atrevo a trazer à boca de cena.

Mas, de facto, tudo o que aqui vos deixo em cima do palco foi, afinal, o resultado de muitos anos de contacto com todos os que ajudaram, consciente ou inconscientemente, a construir-me a mim próprio entre noites de desalento e madrugadas de esperança.

Porque nenhum de nós é um simples eu original e absolutamente inédito. Somos o que somos porque são o que são, ou foram o que foram, aqueles com quem tivemos a sorte e o privilégio de partilhar os diversos momentos da nossa vida.

E somos ainda, seguramente, um pouco das casas onde vivemos, das ruas por onde passámos, dos espaços diversos onde brincámos, sonhámos, amámos e sofremos.

Por tudo isto, família, amigos ou simples companheiros de viagens sucessivas, são, inevitavelmente, uns mais do que outros, co-autores dos textos que constituem este livro.

Daí que me recuse a fazer a usual dedicatória e me limite a devolver-lhes, com a deformação do meu subjectivismo, um pouco do muito que me deram.

vieira da silva

... Acho que escrevo sempre o mesmo
poema. As palavras é que são diferentes ...

Vieira da Silva

poemas breves

beijo

meus olhos nos teus
teus olhos nos meus

e mais ninguém junto a nós

nem deus

solidão

não
não te vi

a noite não teve lua
(para quê ?)

andei sem ti
caía chuva na rua.

narciso

na mesa do café
me deixo

fora dos gestos
que não dizem nada

e sorrio para mim

narciso de vez em quando.

noite

a noite é calma
nas ruas
nem vivalma

no céu deserto
bola de neve
girando leve
(algum garoto a arremessou
e ela
por capricho
não voltou)

silêncio
tudo parado

sonolento
um gato negro
salta do telhado

vai desanimado.

vida

a vida
esta incerteza
de saber a hora da certeza

a morte à espera em qualquer lado
e este respirar
este dizer
este estar para aqui
sem poder recusar o inevitável.

ironia

tudo muda
tudo passa

mas eu
e o teu coração
não mudamos

por desgraça

desilusão

gritei
mas ninguém
me ouviu
chamei
ninguém
respondeu

só
chorei
e enterrei
o sonho que me morreu

apatia

vi
lá muito ao longe
o sol
de cansado
enterrar-se todo
nas águas do mar

e deixei-o ir-se
sem o tentar salvar

carnaval

o carnaval já vai longe
mas continuo nas ruas
fingindo que não sou eu
sem conseguir libertar-me
deste gabão emprestado

que eu já nem sei bem quem sou
personagem
ou actor
nesta farsa
nesta angústia
de menino mascarado

amargura

tens razão
dentro de mim
ainda existe a criança
cheia de medos
que chora
quando a noite se adivinha

e esta amargura louca
não sei se é ela que a sofre

ou se sou eu que a invento
e a sinto toda minha

as incertas certezas

as incertas certezas
dos amores inventados

as amargas viagens
dos romances cinzentos

as secretas batalhas
dos sossegos roubados

as angústias os fossos
as ternuras tormentos.

bilhete

hoje
não ouvi o que disseste

estive
preocupado
em ouvir o que não disseste

além

além
além
mais além

e no fim
o pesadelo
de ficar só
sem ninguém

pensamento

o pensamento
devia ser aquele relógio

existir enquanto a corda durasse

e que bom que era
poder partir-lhe a corda

nunca mais

e o talvez
e o depois
e o nunca mais

o derradeiro adeus
das andorinhas dos beirais

mulher

nos momentos de incerteza
quando apetece fugir
e desistir da viagem

quando cansado de tudo
me sento à beira da estrada
e adormeço a coragem

são os teus gestos
mulher
que me chamam
para a vida

e sinto de novo a fúria
de desenhar um país

viagem

a incerteza
a insegurança
a mágoa desta viagem

a distância
do deserto
entre o real e a miragem

esta certeza

e a mágoa
é esta certeza
que não consigo calar

que a vida
é este cansaço
de onde amanhã vou partir
para não sei que lugar

tarde

é tarde
já devia estar deitado

mas
continuo sentado
à minha mesa
de estudo
a escrever
coisas que penso

coisas de nada
e de tudo

num desabafo
em silêncio
com o papel
nu e mudo

fim de dia

vou dormir
ando cansado
penso demais
certamente

(meu coração
bate
bate
bate um bater de doente)

vou dormir
ando cansado
amo demais
certamente

companheira

para lá da solidão
que eu inventei
e vesti

outro cais se desenhava
na névoa dum novo dia

e tu vieste
e embarquei

e só então descobri
que antes de ti
não vivia.

escola

professor
não tenhas pressa

saí agora de casa
tenho a amarga sensação
de perda não sei de quê
de um regaço
de um abraço
que me ficou na memória

professor
não tenhas pressa

não sou um quadro vazio
já trago dentro de mim
os traços de outras viagens
imaginárias
reais
dos dias da minha história.

adolescente

sabes
mãe
não sei quem sou

mas já não sou o menino
de olhos abertos
de espanto
sentado no teu regaço

cresci
e quero ir sozinho
descobrir esta cidade

rasgar meu próprio caminho
na fogueira de um abraço

navegar
por entre as margens
dos rios da minha sede

sentir
no meu corpo aceso
todo o sol da madrugada

romper
as portas da noite
num gesto de ânsia e ternura

quebrar
os muros do sonho
com a força desta espada.

jovens

cantam
de pé
na cidade
fartos das frases vazias
das palavras proibidas
dos infernos inventados

lançam
gritos
de revolta
contra o medo de viver
para lá do dia amargo
dos amores desencontrados

e avançam
no sonho imenso
de deixar o velho cais
e navegar navegar

de alcançar o infinito
na ternura de um abraço
que se quer eternizar

abril

talvez um dia
em abril
abril renasça
mais forte

que este abril
não é abril

é trevo de pouca sorte.

marginal

apesar de tudo
à margem

por teimosia
ou cansaço

ou por falta de coragem

cantigas

canção para um povo triste

canto o povo triste
de quem sou
louco em cantar
para esquecer
os sonhos tidos
na manhã da vida
sol de madrugada
livre no morrer

canto a heroicidade
conformada
de quem chorando
se atreve a cantar
barco perdido
na prisão das ondas
as velas rasgadas
o leme a quebrar

canto a solidão
a ocidente
ligada à terra
que nos viu nascer
a covardia
feita de orações
na doce esperança
de poder morrer

canto o desespero
fatalista
de quem sofrendo
se deixa ficar
olhos cansados
enxada na mão
trabalhando a terra
que lhe vão roubar

canto o meu poema
de revolta
ao povo morto
que não quer gritar
que já são horas para ser feliz
que é chegado o dia do medo acabar.

balada para o menino do dia de hoje

menino desta manhã
acredita no papão
não acordes nesta terra
que os homens te matarão

olha os homens sem amor
a pregar humanidade
olha a força da mentira
calando toda a verdade

olha os homens a gritar
paz amor e liberdade
a matar os que não querem
servir a sua vontade

menino do dia de hoje
cerra os teus olhitos cerra
está condenado à prisão
quem quiser sonhar na terra.

balada do soldadinho

já foi cabecita loira
andou na escola da terra
um dia de manhãzinha
disse adeus e foi à guerra

já sonhou sonhos de neve
já quis o mundo salvar
já não tem sonhos que teve
anda na guerra a matar

já foi cabecita loira
andou na escola da terra
disse adeus de manhãzinha
nunca mais voltou da guerra.

auto-retrato para uma humanidade

há homens
que choram de luto
em frente da multidão
para cantar de alegria
às escondidas
da multidão

há homens
que cantam poemas
em frente de todo o mundo
para matar a poesia
às escondidas
de todo o mundo

e estes homens existem
é o medo quem os conduz
tal qual cristãos
acovardados
envergonhados
da sua cruz

há homens
que choram de luto
em frente da multidão
para cantar de alegria
nas suas casas
à porta fechada
às escondidas
da multidão
tal qual cristãos
acovardados
envergonhados
da sua cruz.

canção para um natal

porque tudo é egoísmo
porque é grande a solidão
porque é bela a poesia
porque é doce a ilusão

inventámos o natal

e gritamos
o amor inexistente
num cenário todo neve
em auto-satisfação
e falamos
do tal poeta que um dia
veio criar o poema
do amor revolução

mas depois
a noite longa
vai trazer a madrugada
e nós vamos ser covardes
e o tudo será nada.

porque o barco vai perdido
porque o leme vai quebrar
porque as velas vão cansadas
porque é urgente aportar

vamos fugir do natal

e vamos todos à rua
marinheiros naufragados
saudade feita canção
gritar que o amor nasceu
que o amor tem que nascer
porque é preciso viver
para além da ilusão.

para a construção da cidade necessária

tu
que acreditas
que a bruma
vai rasgar-se em dia aberto
tu
que acreditas
que o vento
vai quebrar-se em mar de calma

porque te ficas sentado
à janela da quimera
porque não vens para a rua
provocar a primavera

vem
vem desenhar o futuro
na morte deste presente
vem
vem mostrar a madrugada
e vem dá-la a toda a gente

tu
que adivinhas
que as nuvens
vão desfazer-se em azul

tu
que adivinhas
que a noite
vai resolver-se em luar

porque te deixas dormir
na cama da tradição
porque não fazes do sonho
o grito dum canção

vem
vem transformar o amor
até hoje inexistente
vem
vem construir a cidade
e vem dá-la a toda a gente.

canção para uma manhã diferente

somos andorinhas negras
à procura dum país
onde exista primavera
e o povo seja feliz

trazemos a guerra urgente
contra tudo o que é bonança
para acordar quem se fica
na morte de ter esperança

quebrem-se as pontes dos homens
falsas canções de ternura
gritemos o desespero
com a raiva da loucura

queimem-se as noites de lua
com o rubro de alvorada
que nós faremos o sol
da manhã nunca encontrada

da solidão e do trigo

meu menino alentejano
nascido na solidão
terras longas terras secas
sem nenhuma te dar pão

olhos feitos de tristeza
na planura ilimitada
terras secas terras longas
sem nenhuma te ser dada

sonhos doirados de trigo
o vento tos quer roubar
terras longas terras secas
sem nenhuma para amar

meu menino alentejano
canção erguida na rua
terras secas terras longas
sem nenhuma ser a tua.

porque é urgente cantar

trago canções
para todos

canções
que falam de cada um

canções
de quem quer viver
olhos abertos ao mar
em busca do dia azul
que a noite teima em calar

venham
venham viver o poema
venham senti-lo no corpo
a cantar porque não chora
venham erguer o castelo
que nunca terá paredes
para ninguém ficar fora

venham
venham gritar as canções
por cada um revestidas
da verdade imaginada
que a bandeira não é minha
mas o eco de quem vive
manhã sempre madrugada

canções
são vossas
só vossas
que eu sou vosso
sou do bando
sedento do azul espaço
sinfonias de revolta
dos olhos que alguém cegou
quase loucos de cansaço

venham
trago canções
para todos.

do menino que foi jovem

um dia foi jovem
quis ser gavião
cortaram-lhe as asas
ficou pelo chão

subiu aos telhados
das casas da rua
para ver a terra
que não era sua

os senhores da terra
viram-no espreitar
seus olhos de sonho
mandaram cegar

sozinho na rua
chorou de saudade
sonhos de menino
que eram liberdade

um dia foi jovem
quis ser gavião
os senhores da terra
quiseram que não.

canção do dia imaginado

no sangue do sonho
força viva do cantar
vem toda a gente
que se cansou de esperar

no fogo do vento
raiz vulcão tempestade
vêm os homens
libertar a liberdade

na sede do gesto
garra vingança semente
vêm os vivos
fartos da morte existente

na nova cidade
fonte alicerce embrião
ergue-se o dia
ferro pedra furacão.

canto da hora chegada

as minhas palavras vão para ti
para as ouvires e sentires
para as lewares para casa
vivas fortes virulentas
vai
faz delas uma canção
toda tua
toda carne
toda corpo de mulher
com quem renasças na fúria
de fazer um amor louco

canto de fome de febre
canto da hora chegada

rasga as nuvens dos teus olhos
cegos dos dias iguais

canta à europa e ao mundo
o teu viver sem ser nada
dedos gretados de escravo
de te vergares sobre a terra
na sede de nova seiva
canta o silêncio em que vives
rouco de choro por dentro
canta a amargura que sentes
quando deixas esta praia

para seres um desterrado
nas franças nas alemanhas
vivo na fé de encontrares
o sonho que neste espaço
sempre te foi recusado

canta canta o teu poema
canta canta esta canção

e vai de abraço em abraço
libertar este areal
da tristeza
do cansaço
da morte
da solidão.

os lobos: eles estão aí

eles estão aí
os lobos
elas vivem aqui
as hienas

vagueiam pelas aldeias
contam contos de terror:
« vem aí o comunismo ai que horror »
saltitam de casa em casa
com a ajuda do prior:
« rezem pela nossa pátria por favor »

sussurram grandes histórias
em tom de muito segredo:
« vem aí o comunismo ai que medo »
e dizem ao lavrador
que resolva enquanto é cedo:
« os vermelhos não lhe deixam nem um dedo »

eles estão aí
os lobos
elas vivem aqui
as hienas

disfarçados de cristãos
entre cânticos de amor
prometem fazer do povo um senhor
vomitam lindos discursos
liberdade liberdade
mas vão escondendo ao povo a verdade

liberais capitalistas
em disputa do país
legionários com a sua flor de liz
vestidinhos de meninos
todos com ar infeliz
para não se ver que são bons nazis.

eles estão aí
os lobos
elas vivem aqui
as hienas.

o povo há-de vencer

meu amor
por onde formos
cantaremos este dia
esta pátria por fazer
esta batalha
que o povo vai sofrer

cantaremos esta nuvem
este sol por alcançar
esta montanha
que o povo vai rasgar

meu amor
onde estivermos
falaremos deste rio
deste país por nascer
deste poema
que o povo vai dizer

falaremos deste sonho
desta fúria por gritar
desta cantiga
que o povo vai cantar.

meu amor
em cada rua
deixaremos este fogo
este vinho por beber
esta certeza
que o povo há-de vencer.

a sudoeste

os tijolos
o cimento
a pedra
a cal

o homem
que tu és
nesta viagem

as mãos
em luta
em força
em poesia

no grito
rouco
louco
da batalha

operário
sonhador
de uma manhã
na construção
urgente
inadiável
da torre
da bandeira
da cidade
do sangue
do chicote
da certeza
do braço entrelaçado em cada braço
do canto em cada boca em cada canto
da hora
dessa hora feita chama
nascida desta fúria que se ergue
na morte dum noite a sudoeste.

o tempo é de guerra

os barcos são estes
partamos
o sol vai nascer
icemos as velas
larguemos do cais
há um dia novo a fazer

o mar é uma seara
o vento é uma foice
lancemos as redes
irmãos
somos um só corpo
unidos na faina
na força de darmos as mãos

na praia cinzenta
os homens cansados
dormem à espera de nada
vamos acordá-los
juntemos os braços
é urgente rasgar uma estrada

aldeias morrendo
cidades caídas
país esquecido na areia
vamos transformá-lo
gritemos amigos
já o fogo na forja se ateia

bigorna martelo
batalha bandeira
arados na terra a lavrar
o tempo é de guerra
até à vitória
vamos pelas ruas lutar.

abraço

canção
vai de pé por esses longes
diz à tristeza cansada
que não se deixe chorar
vai
gaivota da terra sangue
leva a voz do novo dia
que a noite vai libertar

canção
vai à morte e diz que viva
rasga o cenário já velho
fá-lo azul força de mar
vai
bandeira içada em poema
mãos em gesto de procura
corpo a querer-se entregar

canção
vai ao sonho abandonado
veste-o de sol e de vento
no rubro do despertar
vai
beijo a quebrar a distância
abraço a apertar a gente
desejo eterno de amar.

meu amor de nunca

talvez existas
além do rio
na outra margem
talvez respires
além da névoa
na outra praia

meu sonho lindo
das horas loucas
nas madrugadas
meu porto aberto
das longas viagens
nas noites mortas

força de vento
vento de fúria
meu amor de nunca
corpo de chama
chama de raiva
meu amor de sempre

por ti me acendo
sangue inquieto
na manhã viva
por ti me acordo
vulcão rasgado
no cais amargo

quando surgires
braços de espuma
serei teu fogo
quando sorrires
cidade livre
serei teu mar

força de vento
vento de fúria
meu amor de nunca
corpo de chama
chama de raiva
meu amor de sempre

angústia

dói-me
este protesto só palavras
lançado para a rua deste dia
este berro
que vou dando
enlouquecido
meu grito
mais alívio que revolta
este meu gesto
mais esboço do que vida

dói-me
esta manhã que não desenho
cansado de ser sempre este murmúrio
minha fúria
que não mostro pedra e fogo
meu canto
mais lamento do que alerta
meu conformismo
que não quero suportar

mas venho
meu não crer no imutável
meu sangue
circulando sem sossego

na ânsia
de encontrar em cada braço
a sede de arrancar desde a raiz
a névoa o fumo o medo
esta prisão

talvez então meu sonho seja vosso
e nasça em cada corpo deste areal
e juntos
nos façamos chama arma
coragem labareda
vendaval.

quadras de maio

ninguém nos vai dividir
somos um barco no mar
as ondas batem no casco
mas nada nos faz parar

em abril deste-me um cravo
em maio dei-te amizade
não há nada meu amigo
mais forte que esta unidade

quanto mais sorris maria
mais sinto o sol a nascer
em maio vais com as outras
não sabes o que é ceder

contigo amigo contigo
com todos de braço dado
que a vida é este futuro
que a morte é esse passado.

menino do cais da ribeira

meu menino farpa
cidade criança
navio ancorado
neste porto mágoa

tuas mãos são garras
não fingem carícias
dedos afiados
rasgando o sossego

teu mundo de pedras
cinzento de bruma
são casas de fome
viradas ao rio

em ti acredito
que sofres na carne
todo o fel amargo
do mal deste cais

em ti já pressinto
meu país sonhado
cadeias quebradas
ternura e vingança

de braço dado

amigo
de braço dado
vamos por esta cidade
desenhar
ruas abertas
rasgar
praças sem limites
unidos
na liberdade
de estarmos vivos
de pé

vamos aos muros com grades
mostrar o azul do mar
aos homens que entre paredes
vão morrendo em cada dia
fartos de tanto esperar

vamos às portas fechadas
destruir a solidão
gritar em cada janela
que são horas de acordarmos
ao som da mesma canção

amigo
de braço dado
vamos por este país
lavrar
searas de sol
lançar
redes de esperança
unidos
nesta certeza
de estarmos vivos
de pé

onde estás ó liberdade ?

nunca vi tanta mentira
disfarçada de verdade
dizem todos que sou livre
viva viva a liberdade

dizem todos que sou livre
e talvez tenham razão
já sou livre de voar
bem agarradinho ao chão

já sou livre e eu nem sabia
vejam lá tão distraído
já sou livre de falar
para nunca ser ouvido

já sou livre já sou livre
e eu aqui sem dar por nada
que tens tu ó liberdade
que andas sempre tão calada

nunca vi tanta mentira
disfarçada de verdade
dizem todos que sou livre
onde estás ó liberdade

cantiga de embalar

dorme sossegado
meu menino
dorme
que o teu sol foi trabalhar
foi fazer o dia de amanhã
dorme
que ele não vai demorar

dorme sem receio
que o papão
é uma velha história de enganar
dorme
enquanto a noite
vai sorrindo
à nova manhã
que vai chegar

dorme
meu menino
fecha os olhos
nunca tenhas medo de sonhar
dorme
que esta vida
é um navio
dorme
que amanhã
voltas ao mar

canção de mágoa

tantos sonhos esquecidos
perdidos no pó da estrada
tantos dias tantas noites
à espera da madrugada

o que foi feito de nós
companheiros de viagem
que é da nossa liberdade
feita de fé e coragem

vai-se o tempo e nós aqui
adormecidos no cais
entretidos com o medo
de já ser tarde demais

teimosamente morrendo
por detrás desta janela
a fingir que somos livres
com um cravo na lapela.

um dia

um dia
um dia ...

não fiques na solidão
das paredes do teu quarto
não te deixes ir morrendo
sem fazer o teu poema

às aldeias e às cidades
vem trazer a tua voz
vem acordar este povo
que vai nascer para a vida

um dia
um dia ...

rasga as malhas do cansaço
não fiques fora da roda
de mãos dadas avançamos
contra o medo e o desespero

vamos erguer a cidade
com tijolos de ternura
no horizonte já se sente
a manhã que há - de chegar

um dia
um dia ...

a bordo do mesmo barco
que o porto não fica longe
leme firme velas soltas
em direcção ao futuro

companheiros de esperança
abraçados na batalha
marinheiros desta praia
um dia vamos vencer

um dia
um dia ...

este país

não podemos esperar
as madrugadas
prometidas
em discursos de euforia
que esta noite já vai longa
e as palavras
não acendem a fogueira de outro dia

não podemos descansar
nesta saudade
de não sei que paraísos inventados
que a batalha é aqui mesmo
que se faz
com os braços firmemente entrelaçados

não podemos amarrar
este país
na esperança de um abril que há-de chegar
já são horas de sairmos deste medo
e fazemos este barco navegar.

Discografia de Vieira da Silva:

Editados por RR Discos, Lda.:

1969 – E.P. (RREP 0059)

- Canção para um povo triste
- Balada par o menino do dia de hoje
- Balada do soldadinho
- Auto-retrato para uma humanidade

1969 – Single (RREP 5001)

- Canção para um Natal
-

1970 – E.P. (RREP 0071)

- Para a construção da cidade necessária
- Canção para uma manhã diferente
- Da solidão e do trigo
- Porque é urgente cantar

1971 – E.P. (RREP 0100)

- Do menino que foi jovem
- Canção do dia imaginado
- Canto da hora chegada
- Canção do amor difícil

Editados por Valentim de Carvalho:

1975 – Single (SPN 187G)

- Os lobos: eles estão aí
- O povo há-de vencer

1977 – Single (SPN 201G)

- A sudoeste
- O tempo é de guerra

Índice

Prefácio	1
anti-dedicatória.....	8
poemas breves	10
beijo.....	11
solidão.....	12
narciso.....	13
noite	14
vida.....	15
ironia.....	16
desilusão	17
apatia	18
carnaval.....	19
amargura	20
as incertas certezas	21
bilhete	22
além	23
pensamento	24
nunca mais	25
mulher.....	26
viagem	27
esta certeza.....	28
tarde.....	29
fim de dia	30
companheira.....	31
escola	32
adolescente.....	33
jovens.....	34
abril.....	35
marginal	36
cantigas	37

